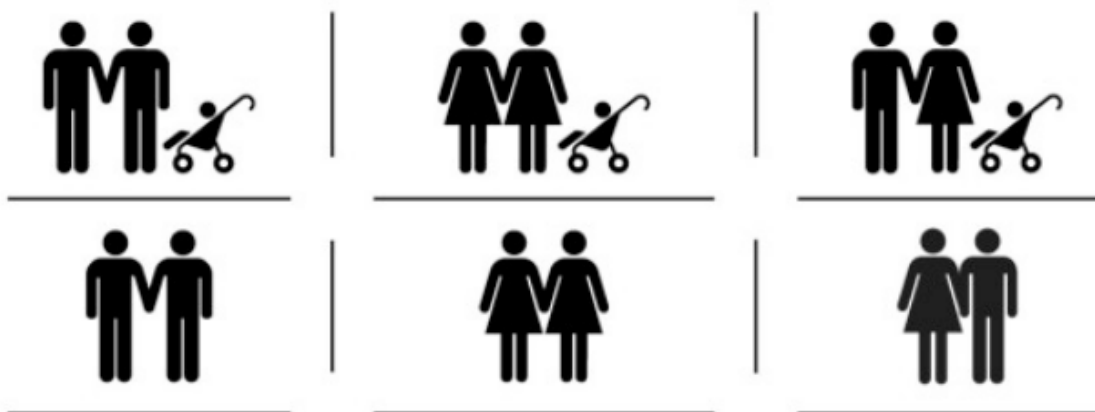


**Dossiê**
**Ressignificando a ideia de Família**


*Flora Karat*  
*Isadora Nobre*  
*Juliana Mariño*  
*Ruth G. da Costa Lopes*

**A** nossa participação na Virada da Maturidade teve como base teórica a disciplina 'A família e o idoso' ministrada pela professora Dra. Ruth Gelehrter da Costa Lopes, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Os alunos da disciplina se dividiram e se organizaram para coordenar atividades em diferentes instituições cadastradas no evento. A nossa participação teve como proposta realizar uma atividade junto aos idosos do Grupo de Assistência ao Idoso, à Infância e à Adolescência (GAIA), situado no bairro do Campo Grande em São Paulo, onde funciona um Núcleo de Convivência de Idosos.

**A Atividade**

Ao chegarmos, fomos recepcionadas pela coordenadora do Núcleo que nos explicou o trabalho realizado na instituição, que visa à convivência e interação dos idosos moradores daquela região, através de diversas oficinas, assim como algumas atividades intergeracionais em conjunto com as crianças e adolescentes da instituição. Além disso, também realizam passeios e programas culturais pela cidade.

A coordenadora e todos os idosos que ali estavam já haviam sido comunicados antecipadamente sobre nossa participação pela equipe organizadora da Virada da Maturidade, sendo assim, já nos aguardavam para a atividade proposta.

Participaram da atividade aproximadamente trinta idosos, em sua maioria mulheres. Além dos idosos, também estavam presentes a psicóloga da instituição e o oficinheiro que nos cedeu o horário de sua atividade semanal para que pudéssemos realizar a dinâmica. A coordenadora também esteve presente ao final da dinâmica.

Fomos recebidos carinhosamente pelo grupo com uma música de boas vindas, o que nos fez sentir acolhidas, e percebemos que se tratava de uma música já habitual para o grupo, e conduzida de forma natural pelos idosos. Os participantes estavam organizados em uma grande roda para facilitar a troca e a interação entre todos.

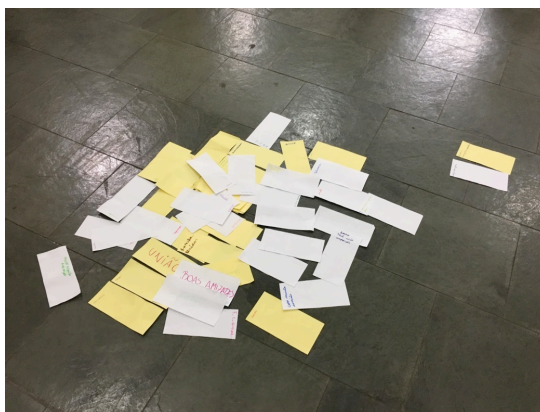
Após a música inicial, nos apresentamos e explicamos o objetivo da Virada da Maturidade, em seguida pedimos para que eles se apresentassem e, então, explicamos a dinâmica proposta que seria baseada em uma construção coletiva sobre o tema *família*.

A proposta da atividade estava formatada inicialmente com a entrega de duas tiras de papel, uma branca e uma amarela, nas quais eles deveriam escrever, primeiramente na amarela, a primeira palavra que viesse à mente ao pensar em *família*. Em seguida, na tira branca, escreveriam uma palavra que representasse uma *família ideal*. Aqui, enfatizamos que não haveria certo nem errado, mas simplesmente a opinião de cada um.

Ao som da música “Família” da banda Titãs (1987), foi distribuído o material e aguardamos a realização da primeira etapa da dinâmica, auxiliando àqueles que tinham dúvidas ou dificuldades para escrever. Quando todos finalizaram, explicamos que iríamos colocar todas as tiras amarelas no centro de nossa roda, na posição (disposição no chão) escolhida pelo autor da palavra.

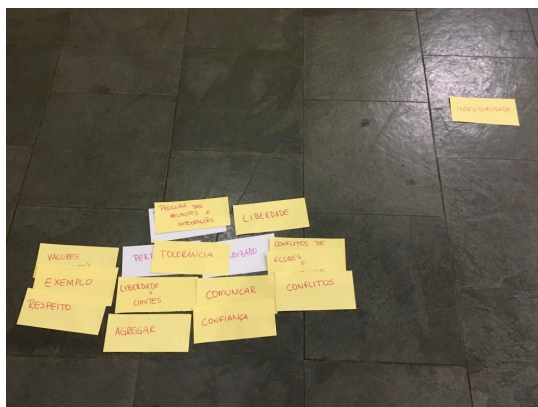
As palavras que apareceram nessas primeiras tiras foram: *amor, união, respeito, cumplicidade, unidade, responsabilidade*, entre outras, sendo que *amor* e *união* apareceram muitas vezes, ganhando maior destaque.

Fizemos a mesma tarefa com as tiras brancas e percebemos que as palavras estavam bem parecidas com as escritas nas tiras amarelas, e em relação à disposição no espaço, também estavam bem semelhantes.



Disposição das tiras no chão (*família* e *família ideal*)

Iniciamos a reflexão perguntando aos participantes sobre o que percebiam ao ver as palavras todas dispostas no chão, conversamos sobre as diferenças e semelhanças em suas representações de família. Durante a elaboração, tomamos nota das palavras (ideias centrais) que eram ditas e as anotamos em novas tiras. Ao final da discussão colocamos essas novas tiras ao chão, discutindo cada uma delas junto ao grupo.



Disposição das tiras no chão (ideias centrais da discussão)

### **Construção coletiva – família real X família ideal**

As palavras *amor* e *união* foram as primeiras a tomarem forma no discurso do grupo, sem indícios de elaboração aprofundada. Nesse cenário, levamos a atenção para os discursos individuais presentes nas histórias e narrativas contadas pelos idosos. Inicialmente, em seus discursos existia tensão ao pontuarem suas singularidades, mas coletivamente construiu-se um novo significado para a vivência familiar de cada um e, assim, novos temas tornaram-se presentes no grupo: *liberdade x limite*, *confiança*, *comunicação*, *flores x espinhos*, *dificuldades*, *respeito*, *exemplo*, *agregar*, *procura das relações e interações*, *conflitos de gerações*, *tolerância*, *individualidade e liberdade*.

Em relação à individualidade, foram pontuadas questões referentes à importância e ao lugar da mesma dentro da família, a necessidade de poder compartilhar, mas, ao mesmo tempo, do respeito às diferenças e da tolerância, prática que não ocorre sem conflitos. Ao início de nossa discussão a palavra *individualidade* fora colocada longe do restante das palavras, após a discussão em que houve a problematização do próprio conceito de individualidade, uma das participantes levantou-se e colocou-a junto às outras palavras. Essa atitude nos fez refletir sobre a importância de se manter a singularidade inserida no contexto familiar e que, portanto, a individualidade não ocorre necessariamente em contraposição a coletividade, mas há um jogo de relação constante entre ambas.

No segundo momento da atividade, após refletirmos conjuntamente sobre algumas ideias e representações que eles traziam sobre família, percebemos que os idosos começaram a incluir em seus discursos os conflitos e desafios advindos da convivência, e não somente os aspectos positivos e idealizados

sobre a mesma, como havia surgido em suas palavras iniciais (tiras amarelas e brancas).

Uma das discussões girou em torno do tema: *limite x liberdade*. Para Goldfarb e Lopes (2006), há uma dificuldade em lidar com o conflito que se instaura na família quando os idosos querem manter sua autonomia ao mesmo tempo em que necessitam de mais cuidados e auxílio. Muitas vezes não há muita tolerância nem por parte do idoso, nem por parte dos familiares.

Percebemos que a participação na atividade trouxe importantes reflexões e possibilitou a ampliação do olhar dos idosos para suas próprias vivências dentro de seus contextos familiares. A escuta da reminiscência dos idosos participantes trouxe uma realidade subjetiva que fez todos os presentes se sentirem pertencentes ao grupo sendo protagonistas das suas histórias, visto que, Segundo Sarti (2004, p.15) “cada família constrói seus mitos a partir do que ouve sobre si, do discurso externo internalizado, mas devolve um discurso sobre si que contém também sua própria elaboração, objetivando sua experiência subjetiva”.

É comum perdermos o olhar individual e subjetivo de cada história familiar que nos é contada. Temos o hábito de buscarmos referência da relação entre familiares pautada nas nossas próprias vivências e do que construímos como sendo o correto e positivo, e isso ocorre tanto do ponto de vista individual quanto a partir de referências culturais. Assim, segundo Sarti (2004, p. 17) “há, frequentemente, um “dever ser” no horizonte, referência positiva a partir da qual todo o resto torna-se “desvio” ou “anormalidade”, quando não, “patologia””.

Constatamos, deste modo, que o conceito de família real e família ideal aparecem de forma ambígua e oposta entre si, questionando os padrões familiares tradicionais. A imposição de modos de viver e organizar a família que se pretendem universais desconsideram a diversidade e pluralidade da vida, construindo ou reforçando padrões que determinarão condutas de inclusão e exclusão social.

Na velhice, a relação familiar ganha êxito quando buscamos qualidade de vida para os idosos. Existe um “impacto de transformações externas à família e as mudanças causadas pela própria dinâmica interna das relações familiares que redimensionaram o lugar que antes lhes era assegurado na família, criando zonas de indefinição e tensão” (SARTI, 2001, p. 91).

As mudanças nas relações intergeracionais são vividas, muitas vezes, de forma conflituosa, nas quais os papéis familiares são invertidos e novas configurações devem ser feitas. Porém, essas alterações nem sempre são vividas de forma elaborada, e isso foi presente nos discursos da atividade realizada no GAIA.

No início houve um discurso sintetizado refletindo um distanciamento do tema por todas idosas envolvidas, transparecendo uma dificuldade em descrever quais eram os problemas que o tema abordava, visto que a constituição de família hoje é entendida de diferentes formas e arranjos, o que implica em

diferenças significativas no modo de lidar com os dependentes. Ao falarem de família, os participantes se limitaram a falar de laços consanguíneos e supondo certa naturalização da relação. Segundo Sarti (2004, p. 15) “essa naturalização das relações sociais acontece de forma mais clara em relação à família do que a outras instituições sociais, porque família é o espaço onde se realizam os fatos da vida relacionados ao corpo biológico”.

Entretanto, na atividade realizada foi possível aos poucos ‘desnaturalizar’ essas relações, repensando possibilidades do sentido de família, e reconhecer o próprio espaço do GAIA e os amigos que lá fizeram também como uma família, como algo que faz muito bem a eles. Afirmam Goldfarb e Lopes (2006, p. 1376) que “o bem-estar emocional e psíquico é melhor quando os idosos mantêm vínculos em primeiro lugar com amigos, onde os relacionamentos são consensuais e há possibilidade de escolha”.

### Considerações Finais

Pudemos perceber que no início da atividade o discurso das participantes estava relacionado a um ideal de família, sem considerar os conflitos, as dificuldades e questões relativas às relações interpessoais. As palavras escritas, tanto no papel amarelo, quanto no branco, eram bastante semelhantes.

Durante a discussão surgiram novas palavras e até algumas expressões que ilustravam a ambivalência presente nas relações familiares, como *flores e espinhos*, desnaturalizando a ideia que os próprios idosos possuíam sobre as mesmas.

Foi possível notar o movimento do grupo em compreender o conceito de família de maneira mais ampla, considerando para além dos laços consanguíneos, os laços afetivos e os elos de sentido nas relações, como pontua Sarti (2004). Tal experiência também é relatada por Hugo Mãe (2016) no momento em que o personagem de seu livro, senhor Silva, constata a criação de um vínculo familiar entre seus amigos.

Nunca teria percebido como um estranho nos pode pertencer, fazendo-nos falta. Não era nada esperada aquela constatação de que a família também vinha de fora do sangue, de fora do amor ou que o amor podia ser outra coisa, como uma energia entre pessoas, indistintamente, um respeito e um cuidado pelas pessoas todas. (HUGO MÃE, 2016, p. 251)

### Referências

GOLDFARB, D.C., LOPES, R.G. Avosidade: a Família e a Transmissão Psíquica entre Gerações. In: FREITAS, E. V.; PY, L.; NERI, A. L. (Org.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2006. cap. 147, p. 1375-1381.

MÃE, V. H. *A máquina de fazer espanhóis*. 2 ed. São Paulo: Biblioteca azul, 2016.

SARTI, C. A. A família como Ordem Simbólica. *Psicologia USP*, 15(3), p. 11-28, 2004. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/42289/45962>

SARTI, C. A. A velhice na família atual. *Acta Paul Enf*, 14(2), p.91-96, 2001.

SALVAREZZA, L. El trabajo com las familias en la clinica psicogeriatrica. In: *Psicogeriatría. Teoría y clínica*. Argentina: Ed. Paidós, 1991.

*Data de recebimento: 03/04/2018; Data de aceite: 21/05/2018.*

---

**Flora Ricciopo Karat** - Psicóloga, graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestranda na Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FACHS), no Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia pela PUC-SP. Formação em Acompanhamento Terapêutico (AT), atuando na área de Psicogerontologia. Atua na psicologia clínica voltada ao atendimento de adolescentes, adultos e idosos. Desenvolve pesquisa em psicologia do envelhecimento. Email: [fkarat@gmail.com](mailto:fkarat@gmail.com).

**Isadora Di Natale Nobre** - Psicóloga, graduada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), mestranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia Social pela PUC-SP. Formação em Acompanhamento Terapêutico (AT), atuando nas áreas da Saúde Mental e Psicogerontologia. Aperfeiçoamento em Reabilitação na Deficiência Física: Enfoque Multidisciplinar pela Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD). Trabalha no setor de Psicologia Adulto da AACD desde 2014. Email: [isadora\\_nobre@hotmail.com](mailto:isadora_nobre@hotmail.com).

**Juliana De Crescenzo Saucedo Mariño** - Psicóloga, graduada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), mestranda no Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia pela PUC-SP. Aprimoramento em Atendimento a Pessoas Enlutadas no Laboratório de Estudos e Intervenções sobre o Luto (LELu) da Clínica Psicológica Ana Maria Poppovic (PUC-SP). Email: [jcmarino@uol.com.br](mailto:jcmarino@uol.com.br).

**Ruth Gelehrter da Costa Lopes** - Doutora em Saúde Pública-USP. Psicóloga. Docente da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) no Programa de Estudos Pós-graduados em Gerontologia, Curso de Psicologia e Supervisora na Clínica-escola "Ana Maria Poppovic". Coordenadora do grupo de pesquisa certificado pelo CNPq: Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento-NEPE. Membro da Red Iberoamericana de Psicogerontologia (Redip). Email: [ruthgclopes@pucsp.br](mailto:ruthgclopes@pucsp.br).